



Fundada em 24/11/2004, a Associação dos Amigos d'o Rainha procura ir ao encontro de um projeto apresentado, então, pelo Departamento de Ciências Sociais: “Escola Secundária Rainha Dona Leonor – Um Espaço de Memórias e de Encontro de Culturas e Saberes”

Tem como objetivos:

- Recolher e preservar as memórias da Escola;
- Promover a dinamização de saberes, experiências e atividades artísticas na comunidade educativa, onde se inserem antigos e atuais professores, funcionários, alunos e encarregados de educação;
- Realizar atividades culturais e de lazer para os seus associados e familiares.

Encontrando-se a Escola Secundária Rainha Dona Leonor integrado num Agrupamento de Escolas, A Direção da AAR saúda toda a Comunidade Educativa deste Agrupamento e espera vir a integrar como seus associados todos os professores no ativo ou aposentados, funcionários e alunos.

Biblioteca Nacional

No dia 22 de Novembro de 2018 pelas 15 horas um grupo de amigos e sócios da AAR (15 Amigas) deslocaram-se à Biblioteca Nacional de Portugal em Lisboa. Deu início à visita uma simpática guia da Biblioteca. Adorámos a visita e recomendamos. As fotografias e o texto mostram este interessante percurso .

(...) A biblioteca foi criada por alvará de 29 de Fevereiro de 1796, com o nome de Real Biblioteca Pública da Corte, tendo como objetivo o acesso do público geral ao seu acervo, desta forma contrariando a tendência europeia da época de disponibilizar apenas para sábios e eruditos os tesouros manuscritos e impressos da sua Biblioteca Real. (...)

(...) A Biblioteca Nacional de Portugal tem como missão reunir, proteger e disponibilizar todo o conhecimento produzido em território português. Com uma coleção que ultrapassa três milhões de documentos, as suas atribuições são: reunir,

conservar e difundir o património documental português. No decorrer dos seus duzentos anos, reuniu o seu acervo seja por meio de depósito legal ou pela aquisição de obras de reconhecido valor bibliográfico ou cultural. (...)

(...) É considerada como centro nacional de informação bibliográfica e coopera com instituições congêneres nacionais e estrangeiras através

da Base Nacional de Dados Bibliográficos (PORBASE), por causa da sua rede de informação, que possibilita a cada utilizador o acesso aos serviços desta Biblioteca sem limite de espaço e tempo.

(...) A sua localização no lado poente do jardim do Campo Grande e o projeto arquitetónico foram aprovados pelo governo de António de Oliveira Salazar, devido à exiguidade do Convento de São Francisco, onde se encontrava. A arquitetura deste edifício de raiz é da autoria de Porfírio Pardal Monteiro e de grande modernidade para a época. A Torre de Depósitos, com 13 pisos [10 de livros, revistas, jornais, partituras, arquivos e documentação], é feita de betão armado e dotada de montavlivros assim como de instalação

(Continua na página 2)



(Continuação da página 1)

pneumática para receção de requisições. Foram integrados elementos com desenho vanguardista, como o recreio circular do pátio central exterior, para apoio a um infantário, existente entre 1974 e 2007. A transferência dos materiais para o edifício atual ocorreu em 1969 e a inauguração do novo espaço, ocorreu no dia 10 de abril. (...) A ampliação e remodelação da Torre de Depósitos, que lhe acrescentou 6300 m², ocorreu entre 2008 e 2011, tendo ainda a remoção de importantes quantidades de amianto sido efetuada nesse período. É considerada um imóvel de interesse público. (...)

(...) Texto da Biblioteca Nacional – Via Internet

Fotografias da Amiga e Sócia – Ana Matias Nunes



Tudo o que Tenho no Saco—Eça e o Maias



No dia 24 de Janeiro pelas 15 horas um grupo de amigos e sócios da AAR deslocaram-se à Exposição “TUDO O QUE TENHO NO SACO – EÇA E OS MAIAS” na Fundação Calouste Gulbenkian, Exposição essa organizada em colaboração com a Fundação Eça de Queiroz. Não conseguindo Visita Orientada fomos pelos nossos próprios meios. Adorámos esta visita. As fotografias e o texto mostram um percurso interessante e uma viagem mágica à descoberta da escrita de Eça de Queiroz.

(...) A Exposição ganhou nome a partir de uma carta que Eça de Queiroz escreveu ao seu amigo Ramalho Ortigão, quando o romance “Os Maias” estava praticamente terminado, na qual contava como o decidira

fazer, “não só um romance, mas um romance em que pusesse tudo o que tenho no saco”. (...)

(...) Pegando no mote, 130 anos depois da publicação desse romance, a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu mostrar “tudo o que Eça trazia no saco”, numa exposição que contará ainda com uma vasta programação paralela, que vai do cinema a conversas e a jantares queirosianos, entre outras iniciativas. (...)

(...) “Os Maias” serão o eixo central da exposição “Tudo o que tenho no saco. Eça e Os Maias”, mas à sua volta vão gravitar outras obras do autor, entre crónicas, romances, contos e muitas cartas. (...)

(...) Serão também mostradas fotografias, pinturas, caricaturas, gravura, música da época, excertos de filmes e objetos do espólio pessoal do escritor, guardados na Casa de Tormes (propriedade da Fundação Eça de Queiroz), nunca antes mostrados em Lisboa. (...)

(...) Entre as peças pessoais de Eça de Queiroz, que poderão agora serem vistas pelo público, contam-se a secretária pessoal do escritor, o tinteiro em latão, a palmatória de iluminação, a estante giratória e a cabaia chinesa (vestuário de mangas

largas usado na China), que lhe foi oferecida pelo Conde de Arnoso. (...)

(...) Texto da Lusa (de 24/11/2018) e Fotos da Fundação Calouste Gulbenkian –

- Via Internet

Esposa de Eça de Queiroz



Eça de Queiroz casou com Sr.ª D. Emília de Castro Pamplona, irmã do Conde de Resende



Museu da RTP

No dia 21 de Fevereiro pelas 15 horas um grupo de amigos e sócios da AAR (18 Amigas) deslocaram-se ao Museu da RTP (Rádio e Televisão de Portugal) em Lisboa. Deu início à visita uma simpática guia do Museu. Adorámos a visita e recomendamos. As fotografias e o texto mostram este interessante percurso. (...) **Como era a transmissão da rádio e televisão portuguesa antigamente? Como eram as televisões dos nossos antepassados? Como eram os rádios do século anterior? Como eram gravados os programas de televisão à 50 anos atrás?** São perguntas cuja resposta pode encontrar na colecção museológica da rádio e

televisão portuguesa presente no **Museu da RTP** em Lisboa (...)

(...) Desde o grande receptor de rádio Scoot Radio de 1935, ao receptor de televisão Philco de 1958, passando por **telégrafos, gravadores de áudio, receptor de rádio e televisão, câmara de filme e televisão**, e diversos **dispositivos multimédia em áudio e vídeo** representativos das memoráveis transmissões realizadas no percurso histórico da humanidade, o **Museu da RTP** permite facultar ao visitante o conhecimento sobre a **história televisiva e radiofónica** marcada pela **RTP em Portugal**. (...)

(...) No **Museu da RTP** estão presentes **2 estúdios de gravação:**

localizado na entrada, o **estúdio de rádio** revela o ambiente de radiofónico de antigamente, a forma como os programas eram criados e a sua respectiva transmissão pelos equipamentos electrónicos da época; o **estúdio de televisão** fica localizado na final do Museu da RTP, contém ambiente tipicamente de telejornal, cujo fundo verde possibilita a colocação digital de diversas imagens ilustrativas das notícias. Esta área contém ainda um **laboratório de edição de imagem** e som, que possibilita ao visitante conhecer como é efectuado o trabalho de background de um estúdio de televisão. Neste estúdio de televisão, o **visitante pode usufruir da experiência de pivot**, através da leitura de notícias e respectiva gravação no laboratório. No final, e dado um DVD com o programa de televisão cujo participante foi protagonista, para mais tarde recordar. (...)

(...) Texto e Fotos do Museu da RTP – Via Internet



Museu do Fado



No dia 14 de Março pelas 15 horas um grupo de amigos e sócios da AAR (18 Amigas) deslocaram-se ao Museu do Fado em Lisboa no Largo do Chafariz de Dentro nº 1. Deu início à visita uma simpática guia do Museu. Adorámos a Visita. As fotografias que ilustram o texto mostram este interessante percurso.

(,,,) Integrando um acervo único no mundo, de relevância primordial no estudo do nosso património cultural e etnográfico, o Museu incorporou, desde a sua implementação e ao longo de uma década de actividade, distintas colecções de periódicos,

fotografias, cartazes, partituras, instrumentos musicais, fonogramas, trajes e adereços de actuação, troféus, medalhística, documentação profissional, contratos, licenças, carteiras profissionais, entre inúmeros outros testemunhos que coexistiram e/ou criaram o Fado, património essencialmente intangível e imaterial, que todos reconhecemos eféme-

ro, fugaz, incorpóreo, irrepetível e, neste sentido, dificilmente se materializando noutra testemunha que não o da memória individual de cada um de nós. (...)

(...) Desde a sua abertura ao público em 1998, para o Museu têm convergido os espólios de centenas de intérpretes, autores, compositores, músicos, construtores de instrumentos, estudiosos e investigadores, artistas profissionais e amadores, em suma, de centenas de personalidades que testemunharam e construíram a história do Fado e que não hesitaram em ceder-nos os testemunhos do seu património afectivo e memorial para a construção de um projecto comum. (...)

(...) Texto do Museu do Fado – Via Internet

